**ROMANTISMO - REFORÇO**

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia a cena IX da comédia *O Juiz de Paz da roça*, do escritor Martins Pena (1815-1848), para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Cena IX

*Sala em casa do Juiz de paz. Mesa no meio com papéis; cadeiras. Entra o Juiz de Paz vestido de calça branca, rodaque de riscado, chinelas verdes e sem gravata.*

Juiz: Vamo-nos preparando para dar audiência. (*arranja os papéis*) O escrivão já tarda; sem dúvida está na venda do Manuel do Coqueiro… O último recruta que se fez já vai me fazendo peso. Nada, não gosto de presos em casa. Podem fugir, e depois dizem que o Juiz recebeu algum presente. (*batem à porta*) Quem é? Pode entrar. (*entra um preto com um cacho de bananas e uma carta, que entrega ao Juiz. Juiz, lendo a carta*) "Ilmo. Sr. – Muito me alegro de dizer a V. Sa. que a minha ao fazer desta é boa, e que a mesma desejo para V. Sa. pelos circunlóquios com que lhe venero". (*deixando de ler*) Circunlóquios… Que nome em breve! O que quererá ele dizer? Continuemos. (*lendo*) "Tomo a liberdade de mandar a V. Sa. um cacho de bananas-maçãs para V. Sa. comer com a sua boca e dar também a comer à Sra. Juíza e aos Srs. Juizinhos. V. Sa. há de reparar na insignificância do presente; porém, Ilmo. Sr., as reformas da Constituição permitem a cada um fazer o que quiser, e mesmo fazer presentes; ora, mandando assim as ditas reformas, V. Sa. fará o favor de aceitar as ditas bananas, que diz minha Teresa Ova serem muito boas. No mais, receba as ordens de quem é seu venerador e tem a honra de ser – Manuel André de Sapiruruca." – Bom, tenho bananas para a sobremesa. Ó pai, leva estas bananas para dentro e entrega à senhora. Toma lá um vintém para teu tabaco. (*sai o negro*) O certo é que é bem bom ser Juiz de paz cá pela roça. De vez em quando temos nossos presentes de galinhas, bananas, ovos, etc., etc. (*batem à porta*) Quem é?
Escrivão (*dentro*): Sou eu.
Juiz: Ah, é o escrivão. Pode entrar.

*Comédias* (*1833-1844*), 2007.

1. (Unesp) Nesta cena, verifica-se alguma contradição na conduta do Juiz de paz? Justifique sua resposta, com base no texto.

2. (Unesp) Quais personagens participam da cena? A que personagem se refere o pronome "teu" em "Toma lá um vintém para teu tabaco."? Qual a finalidade da carta enviada por Manuel André da Sapiruruca?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**De ficção e realidade: diálogo possível**

– Literatura é fuga do real, cara! Veja o Brasil que temos: propina, tráfico de influência, delações, politicalha, trapaças...
– Quem disse que a Literatura não tem os pés fincados na realidade? Para o momento brasileiro, valem os versos: "Começa o mundo enfim pela ignorância,/ e tem qualquer dos bens por natureza".
– Que bens? A rifa das licitações? O propinoduto?
– É isso mesmo, cara! Diferente do fantasma romântico, parece que o dinheiro virou uma "febre que nunca descansa,/ O delírio que te há de matar!...".
– O que nós temos é uma safra de corruptos e corrompidos.
– Verdade! Sujeito assim safado mereceria "ser das gentes o espectro execrado". O tal "Ouro branco! Ouro preto! Ouro podre" corrompeu muito político. "De cada ribeirão trepidante e de cada recosto/ de montanha, o metal rolou na cascalhada/ Para o fausto d'El-Rei". Que vergonha!
– É! Mas, certamente, esse não é o "Ouro nativo que na ganga impura/ A bruta mina entre os cascalhos vela...".
– Sei lá! O que mais nos reserva a Lava-Jato?
– Veja só, cara! Ouvindo os noticiários, tenho a impressão que o assalto do vampiro tem mais equidade:
"– Cê vem com a gente. É uma loja. Nós roubamos e dividimos o dinheiro. Em partes iguais".
– Então, ainda há o que cantar neste país?
– Claro! Vai o legado das Olimpíadas e das Paralimpíadas: "Entre o laboratório de erros/ e o labirinto de surpresas,/ canta o conhecimento do limite,/ a madura experiência a brotar da rota esperança".

3. (Unioeste) Assinale a alternativa INCORRETA, considerando os poemas originais de onde os versos foram extraídos.

a) "Começa o mundo enfim pela ignorância" faz parte do poema barroco "À instabilidade das cousas do mundo", de Gregório de Matos Guerra.
b) A "febre" e o "delírio que te há de matar", simbolicamente, estão associados ao erotismo presente nos versos românticos de Álvares de Azevedo.
c) "O metal rolou na cascalhada/ Para o fausto d'El-Rei" são versos atribuídos ao árcade inconfidente mineiro Tomás Antônio Gonzaga.
d) O verso "ser das gentes o espectro execrado" integra a maldição do velho tupi ao seu filho, no poema indianista de Gonçalves Dias.
e) "Ouro nativo que na ganga impura" corresponde a uma figura metafórica para Língua Portuguesa, do poeta parnasiano Olavo Bilac.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
Instruções: Leia atentamente o texto abaixo para responder à(s) quest(ões).

**O tempo e suas medidas**

[1]O homem vive dentro do tempo, o tempo que ele preenche, mede, avalia, ama e teme. Para marcar a passagem e as medidas do tempo, inventou o relógio. A palavra vem do latim horologium, e [2]se refere a um quadrante do céu que os antigos aprenderam a observar para se orientarem no tempo e no espaço. [3]Os artefatos construídos para medir a passagem do tempo sofreram ao longo dos séculos uma grande evolução. No início [4]o Sol era a referência natural para a separação entre o dia e a noite, mas depois os relógios solares foram seguidos de outros que vieram a utilizar o escoamento de líquidos, de areia, ou a queima de fluidos, até chegar aos dispositivos mecânicos que originaram as pêndulas. [5]Com a eletrônica, surgiram os relógios de quartzo e de césio, aposentando os chamados "relógios de corda". O mostrador digital que está no seu pulso ou no seu celular tem muita história: tudo teria começado com a haste vertical ao sol, que projetava sua sombra num plano horizontal demarcado. [6]A ampulheta e a clepsidra são as simpáticas bisavós das atuais engenhocas eletrônicas, e até hoje intrigam e divertem crianças de todas as idades.

[7]Mas a evolução dos maquinismos humanos [8]que dividem e medem as horas não suprimiu nem diminuiu a preocupação dos homens com o Tempo, [9]essa entidade implacável, sempre a lembrar a condição da nossa mortalidade. Na mitologia grega, o deus Chronos era o senhor do tempo que se podia medir, por isso chamado "cronológico", [10]a fluir incessantemente. No entanto, [11]a memória e a imaginação humanas criam tempos outros: uma autobiografia recupera o passado, a ficção científica pretende vislumbrar o futuro. No Brasil, muito da força de um [12]José Lins do Rego, de um Manuel Bandeira ou de um Pedro Nava vem do memorialismo artisticamente trabalhado. A própria história nacional [13]sofre os efeitos de uma intervenção no passado: escritores românticos, logo depois da Independência, sentiram necessidade de emprestar ao país um passado glorioso, e recorreram às idealizações do Indianismo.

No cinema, uma das homenagens mais bonitas ao tempo passado é a do filme Amarcord ("eu me recordo", em dialeto italiano), do cineasta Federico Fellini. São lembranças pessoais de uma época dura, quando o fascismo crescia e dominava a Itália. Já um tempo futuro terrivelmente sombrio é projetado no filme "Blade Runner, o caçador de androides", do diretor Ridley Scott, no cenário futurista de uma metrópole caótica.

Se o relógio da História marca tempos sinistros, o tempo construído pela arte abre-se para a poesia: o tempo do sonho e da fantasia arrebatou multidões no filme O mágico de Oz estrelado por Judy Garland e eternizado pelo tema da canção Além do arco-íris. Aliás, a arte da música é, sempre, uma habitação especial do tempo: as notas combinam-se, ritmam e produzem melodias, adensando as horas com seu envolvimento.

São diferentes as qualidades do tempo e as circunstâncias de seus respectivos relógios: há o "relógio biológico", que regula o ritmo do nosso corpo; há o "relógio de ponto", que controla a presença do trabalhador numa empresa; e há a necessidade de "acertar os relógios", para combinar uma ação em grupo; há o desafio de "correr contra o relógio", obrigando-nos à pressa; e há quem "seja como um relógio", quando extremamente pontual.

[14]Por vezes barateamos o sentido do tempo, [15]tornando-o uma espécie de vazio a preencher: é quando fazemos algo para "passar o tempo", e apelamos para um jogo, uma brincadeira, um "passatempo" como as palavras cruzadas. Em compensação, nas horas de grande expectativa, queixamo-nos de que "o tempo não passa". "Tempo é dinheiro" é o lema dos capitalistas e investidores e dos operadores da Bolsa; e é uma obsessão para os atletas olímpicos em busca de recordes.

Nos relógios primitivos, nos cronômetros sofisticados, nos sinos das velhas igrejas, no pulsar do coração e da pressão das artérias, a expressão do tempo se confunde com a evidência mesma do que é vivo. No *tic-tac* da pêndula de um relógio de sala, na casa da avó, os netinhos ouvem inconscientemente o tempo passar. O Big Ben londrino marcou horas terríveis sob o bombardeio nazista. Na passagem de um ano para outro, contamos os últimos dez segundos cantando e festejando, na esperança de um novo tempo, de um ano melhor.

(Péricles Alcântara, inédito)

4. (Puccamp) Costuma-se reconhecer que o *Indianismo,* na nossa literatura, é marcado por idealizações que emprestam uma espécie de glória artificial ao nosso passado como Colônia. Tais idealizações

I. consistem, basicamente, em atribuir aos nossos silvícolas atitudes e valores herdados da aristocracia medieval, caros ao ideário romântico.
II. processam-se com base em fidedignos documentos históricos, nos quais há registro detalhado dos usos e costumes das várias nações indígenas.
III. ocorreram como reação às tendências nacionalistas do nosso Romantismo, que valorizavam sobretudo a vida urbana e os valores burgueses.

Atende ao enunciado o que está em
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) I, apenas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
Para responder à(s) questão(ões) a seguir, considere o texto abaixo.

O universo ficcional de Machado de Assis é povoado pelos tipos sociais que se mesclavam na sociedade fluminense do século XIX: proprietários, rentistas, comerciantes, homens pobres mas livres e escravos. Cruzam seus interesses e medem-se em seus poderes ou em sua falta de poder. É essa a configuração das personagens das obras-primas *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*. A tragédia do negro escravizado está exposta em contos violentos, e o capricho dos senhores proprietários dá o tom a narradores como Brás Cubas e Bento Santiago, o Bentinho, que contam suas histórias de modo a apresentar com ar de naturalidade a prática das violências pessoais ou sociais mais profundas.

(TÁVOLA, Bernardim da. Inédito).

5. (Puccamp) Também em prosadores românticos do século XIX encontram-se exemplos de tipos da sociedade fluminense, que protagonizam situações também típicas de uma exemplar sociedade burguesa. É o que se constata, por exemplo, no romance
a) *O Guarani*, de José de Alencar, no qual se consagram os ideais de coragem e lealdade, com profundas raízes na aristocracia medieval.
b) *Senhora*, de José de Alencar, no qual se confrontam os interesses materiais e os ideais sublimes dos personagens envolvidos numa caprichosa trama.
c) *Inocência*, do Visconde de Taunay, cuja protagonista é a encarnação da mulher idealizada segundo os códigos sociais da época.
d) *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, quando o autor, ainda jovem, aplica-se na análise dos costumes da Corte.
e) *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, no qual o memorialismo de um velho diplomata recupera figuras da antiga sociedade do Rio de Janeiro.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
**VAGABUNDO**

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,
Fumando meu cigarro vaporoso;
Nas noites de verão namoro estrelas;
Sou pobre, sou mendigo e sou [1]ditoso!

Ando roto, sem bolsos nem dinheiro
Mas tenho na viola uma riqueza:
Canto à lua de noite serenatas,
E quem vive de amor não tem pobreza.
(...)

Oito dias lá vão que ando cismado
Na donzela que ali defronte mora.
Ela ao ver-me sorri tão docemente!
Desconfio que a moça me namora!...

Tenho por meu palácio as longas ruas;
Passeio a gosto e durmo sem temores;
Quando bebo, sou rei como um poeta,
E o vinho faz sonhar com os amores.

O degrau das igrejas é meu trono,
Minha pátria é o vento que respiro,
Minha mãe é a lua macilenta,
E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,
De painéis a carvão adorno a rua;
Como as aves do céu e as flores puras
Abro meu peito ao sol e durmo à lua.
(...)

Ora, se por aí alguma bela
Bem doirada e amante da preguiça
Quiser a [2]nívea mão unir à minha,
Há de achar-me na Sé, domingo, à Missa.

Álvares de Azevedo
*Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

[1]ditoso – feliz
[2]nívea – branca

6. (Uerj) Na quinta estrofe do poema *Vagabundo*, Álvares de Azevedo, poeta da segunda geração do Romantismo, aborda um tema muito frequente entre os primeiros românticos.

Identifique o tema e explique a diferença entre a abordagem desse tema por Álvares de Azevedo e pelos poetas românticos da primeira geração.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:
A(s) questão(ões) a seguir focalizam uma passagem da comédia *O juiz de paz da roça* do escritor Martins Pena (1815-1848).

JUIZ (*assentando-se*): Sr. Escrivão, leia o outro requerimento.

ESCRIVÃO (*lendo*): Diz Francisco Antônio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo ele casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. "Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como os filhos pertencem às mães, e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a V. Sa. mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da égua que é de minha mulher".

JUIZ: É verdade que o senhor tem o filho da égua preso?

JOSÉ DA SILVA: É verdade; porém o filho me pertence, pois é meu, que é do cavalo.

JUIZ: Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

JOSÉ DA SILVA: Mas, Sr. Juiz...

JUIZ: Nem mais nem meios mais; entregue o filho, senão, cadeia.

(Martins Pena. *Comédias (1833-1844)*, 2007.)

7. (Unifesp) O emprego das aspas no interior da fala do escrivão indica que tal trecho
a) reproduz a solicitação de Francisco Antônio.
b) recorre a jargão próprio da área jurídica.
c) reproduz a fala da mulher de Francisco Antônio.
d) é desacreditado pelo próprio escrivão.
e) deve ser interpretado em chave irônica.

.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
Leia o texto para responder à(s) questão(ões).

Havia já quatro anos que Eugênio se achava no seminário sem visitar sua família. Seu pai já por vezes tinha escrito aos padres pedindo-lhes que permitissem que o menino viesse passar as férias em casa. Estes porém, já de posse dos segredos da consciência de Eugênio, receando que as seduções do mundo o arredassem do santo propósito em que ia tão bem encaminhado, opuseram-se formalmente, e responderam-lhe, fazendo ver que aquela interrupção na idade em que se achava o menino era extremamente perigosa, e podia ter péssimas consequências, desviando-o para sempre de sua natural vocação.

Uma ausência, porém de quatro anos já era excessiva para um coração de mãe, e a de Eugênio, principalmente depois que seu filho andava mofino e adoentado, não pôde mais por modo nenhum conformar-se com a vontade dos padres. Estes portanto, muito de seu mau grado, não tiveram remédio senão deixá-lo partir.

(Bernardo Guimarães. *O Seminarista*, 1995)

9. (Fgv) Analise a frase inicial do texto: "Havia já quatro anos que Eugênio se achava no seminário sem visitar sua família."

a) Por que os padres não permitiam que Eugênio visitasse a família? De que argumentos se valeu a mãe dele para conseguir que o liberassem?
b) Reescreva a frase, conforme as orientações: inicie-a com "Eugênio"; introduza entre o sujeito e o verbo a oração indicativa de tempo, substituindo o verbo "haver" por "fazer". Realize os ajustes necessários.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:
Leia o fragmento do romance *O Cabeleira*, abaixo, e responda à(s) questão(ões) a seguir.

O Cabeleira entretanto atravessava matos, riachos e tabuleiros por novos caminhos que, infatigável e ousado, ia abrindo, em direitura ao lugar do seu nascimento.

Sentia-se atraído para esse lugar por uma saudade infinda, por uma confiança enganosa e fatal.

Parecia-lhe que ninguém, nem a justiça dos homens nem a de Deus, na qual desde os mais verdes anos o tinham ensinado a não acreditar, teriam poder para arrancá-lo desses sombrios e protetores esconderijos, dessas grutas insondáveis, perpetuamente abertas às onças e a ele, perpetuamente fechadas ao restante dos animais e dos homens que não se animavam a transpor-lhes o escuro limiar com receio de ficarem sepultados para sempre em tão medonhos sarcófagos.

Tendo-se afastado do pé da mata onde haviam sido vencidos e capturados em seus redutos os outros malfeitores, descreveu uma oblíqua de cerca de uma légua no rumo do ocidente e desceu depois a uma distância donde pudesse ter debaixo das vistas o Tapacurá, que lhe servia de guia através do sertão.

(TÁVORA, F. *O Cabeleira*. São Paulo: Martin Claret, 2003. p. 133.)

10. (Uel) Com base no fragmento e na totalidade do romance, assinale a alternativa correta.
a) A alusão a bandidos perseguidos e derrotados pelo protagonista ratifica sua trajetória: de foragido a colaborador com a lei.
b) A associação entre a condição do protagonista e as onças revela a inaptidão do primeiro para reverter sua índole.
c) A referência a algo que lhe ensinaram corresponde ao contato com a mãe durante a infância.
d) A indicação do sentimento de saudade aponta para o estágio de regeneração experimentado pelo protagonista.
e) A travessia de novos caminhos significa a disposição do protagonista para a diversificação de práticas cruéis naquela região.